



O CASO DE JOSEFO CAMILO,
FUNDADOR DA ACADEMIA VALADARENSE DE LETRAS

Lucas Alves Marinho¹

Este texto conta (e guarda, enfim) o caso de Josefo Camilo – fundador da Academia de Letras de minha cidade natal, Governador Valadares. Tudo o que houver aqui devo a quatro pessoas: Marivalda de Souza Antunes, Marli Glória Afonso Lima, Gervásio Ferreira Alves e Leolito Cabral Marinho. Os mais lúcidos sabedores dessa estória que há décadas vem se talhando e tramando e tecendo e retalhando e entretecendo oralmente em meu município.

I

Josefo Camilo nasceu a 10 de outubro de 1918 prestando homenagem à dona de casa sua mãe, Josefa, que não resistira às complicações do parto, e ao pecuarista seu pai, Camilo, destacado pioneiro do segundo ciclo destrutivo-econômico da história de *Figueira do Rio Doce*.

Aos quinze anos de idade, depois de uma infância sem sobressaltos, Josefo Camilo, aluno razoável, foi mandado pelo pai ao colégio dos padres escolápios de Caratinga a fim de complementar sua educação básica; e por lá ficou sob os cuidados de uma sua tia durante três anos... Até 1936: ano de seu retorno à casa paterna e início do movimento popular que faria literalmente saltar sua veia literária.

II

Pelos meses de junho e julho deste 1936, tornara-se público um tão obscuro quanto inapelável censo demográfico que registrava em seu lugarejo natal, o desassistido distrito *Figueira do Rio Doce*, quase o dobro exato do número de habitantes de *Peçanha*, a então distante sede administrativa do município. Isso, lenta e naturalmente, foi se desdobrando de texto impresso a tímido burburinho a clamor vigorosamente generalizado pela emancipação política do distrito.

Camilo, o pai de Josefo, engrossava à distância e acompanhava atento aquela disforme indignação popular. Deu alguns meses ao tempo, até meados de novembro, quando a poucos dias do retorno definitivo do filho, resolveu consultar um advogado sobre “aquela zueira toda”.

¹ Mestrando em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP. E-mail:lucas@leduma.com.br



Chegando já a par do censo e de suas polêmicas evoluções, Josefo encontrou seu pai sobremaneira instigado pelas informações do especialista. Tanto assim que ouviu o seguinte – depois de dois breves mas calorosos abraços:

— Filho, eu serei o primeiro prefeito da nossa *Figueira*.

III

A ideia era mesmo bastante razoável. E Camilo, sempre levando o filho recém-chegado a tiracolo, empenhava-se obsessivamente. Visitou uma por uma as casas do distrito, anunciando uma “grande reunião na fazenda para bem entender e tomar providências sobre o negócio da emancipação no qual todos concordamos...” No dia determinado preparou o terreiro e recebeu todo o povo de *Figueira* – com discurso e rega-bofe certos.

Assim, por alguns centos, o homem fez-se respeitado de vez. E destacou uma comitiva de doze abastados pecuaristas para uma visita a *Peçanha* no dia seguinte.

A ideia era comunicar logo ao prefeito – “pra que a coisa não parecesse subterrânea” – sua firme intenção de emancipar *Figueira do Rio Doce*. O então mandatário de *Peçanha* era velho conhecido de Camilo, metiam-se os dois corriqueiramente nos mesmos negócios de terra e gado e gado e terra e gado e terra e terra e gado.

De modo que a conversa foi franca: direta: esta:

— Meu amigo Bernardo, você já deve saber do tal censo que publicaram recentemente dando nossa *Figueira* como maior quase o dobro de sua *Peçanha*...

— Sei, sei...

— Prefeito: não lhe parece uma coisa muito justa que *Figueira* seja logo emancipada, eleja sua própria gente e cuide diretamente de seus interesses?

— Não sei, não sei...

— Pois nós estamos certos que sim, Bernardo. Os de *Figueira* precisam cuidar diretamente dos negócios de *Figueira*.

— Isso não é coisa simples, Camilo... Precisa...

— Sendo ou não sendo coisa simples será feito.

IV

Essa curta audiência deu-se a 19 de outubro de 1936. Exatamente quatro meses depois, Camilo e o filho viam-se, por intermédio do próprio Bernardo, prefeito de *Peçanha*, defendendo a emancipação de *Figueira do Rio Doce* perante o excelentíssimo governador do estado. Este, tendo escutado apenas a primeira parte do potencialmente longuíssimo argumento, interrompeu Camilo dizendo



que sim, que tudo bem – “... têm minha palavra. Em seis meses nossa Figueira estará emancipada”.

Camilo ficou tão doidamente entusiasmado com aquilo que cuspiu num movimento involuntário a absurda promessa de dar ao distrito de Figueira, uma vez tornado município, o nome de “Governador Valadares”.

Levou a boa nova ao povo e elegeu-se de fato.

V

No dia 1 de janeiro de 1938, aos sessenta e dois anos, na ilustríssima companhia do governador, Camilo subia febrilmente os degraus do palanque onde faria o discurso de posse e anunciaria a novidade já sabida e aprovada por todos – o batismo do município com o nome “Governador Valadares” – quando foi prostrado por uma dor aguda no peito.

Amparado pelo governador, chamou o filho e o incumbiu de conduzir o ato.

O jovem Josefo Camilo, apresentando-se como futuro secretário de educação e cultura do município, tratou então de presidir a cerimônia.

O que fez, para sua própria surpresa, segura e garbosamente. Sobretudo enquanto lia o discurso escrito – pelo tio padre, diziam e ainda dizem os maliciosos – em que narrava como “gestas de guerreiros destemidos, os esforços dele e do pai pela emancipação da antiga Figueira. Agora Governador Valadares – livre do monstro anão que a subjugava!”. Josefo gesticulava gordamente, bradava de se suar e cuspir todo, pousando olhos arrebatadores sobre as cabeças do povo timidozinho de Figueira, desacostumado daquilo e por isto mesmo seduzido.

Foram quarenta minutos.

Depois de descer as escadas, ainda extático, Josefo, como diriam mais tarde – se fez homem. Nos braços do povo, não nos braços de uma mulher.

VI

Camilo faleceu dois dias depois meio demente.

VII

Josefo soube tocar sem problemas sua secretaria. Bastava administrar duas escolas primárias – pagando em dia os funcionários, alimentando suficientemente as crianças e não deixando que lhes faltassem giz, papel, lápis, papel higiênico... Gostava mesmo era de discursar como discursou em cada uma das reuniões escolares de pais e funcionários realizadas durante os anos de seu mandato.



Aí experimentava outra vez subir desde a raiz do tédio a mesma seiva deliciosa que nutrira suas palavras naquele infinito primeiro de janeiro.

Para o jovem, de fato, aquilo – o poder – estava de alguma forma guardado na palavra. Era delicioso que o escutassem verdadeiramente, que o dito se inscrevesse, luminoso ou pesaroso, mas que se inscrevesse o dito irresistivelmente nos expectadores enquanto tudo tomava forma. O poder nada tinha que ver com política. Josefo julgava mesmo como estorvo grosseiro, impureza, o poder menor exalado da junção dos outros, quando subservientes, e de si mesmo, quando em posição de comando. Fedentina.

VIII

“A palavra como no Gênesis” – balbuciou certa vez enquanto cismava, entre vigília e sono, afundado no sítio onde preparava ansiosíssimo seu último pronunciamento, por ocasião da reforma de uma das escolas do município. Foi quando concebeu sua “obra segunda”. Restavam então duas semanas para o fim de sua carreira política.

Tempo suficiente.

Josefo doou para o município o famoso casarão de dezoito janelas da família, que ficava bem em frente à prefeitura no centro da cidade; despendeu um bom dinheiro da secretaria de educação e cultura em mobília suntuosa e – quando todos, não entendendo patavinas, já desconfiavam de grossa tramaio arquitetada pelo filho escandaloso do velho Camilo – Josefo inaugurou o maior e mais belo edifício público da cidade: a *Academia Valadarense de Letras*.

Todos entenderam menos ainda.

IX

Os onze literatos – seu tio padre, um seminarista, duas professoras primárias, três advogados, um farmacêutico, dois violeiros boêmios, um vereador – convidados por Josefo para a reunião de fundação da Academia compareceram de bom grado. Deu-se um animado *cocktail* em seguida e o salão inferior do casarão ficou cheio.

Enquanto todos, sorridentes e muito bem vestidas notícias do dia seguinte, deixavam-se fotografar, alguém teve a previsível mas caridosa ideia de convocar “o ilustríssimo secretário responsável pela inauguração desta casa” para mais um discurso.

Josefo, desprevenido, estaria desesperado com o convite, não estivesse meio bêbado – a ponto de subir numa mesa bem no meio do salão para discursar defendendo a importância daquele “centro cultural para o engrandecimento



intelectual e moral dos valadarenses... gente que decidirá os negócios da, em breve, maior cidade do leste do estado.” Bêbado. A ponto de revelar, entre quitutes e bebidas, seu mais profundamente incrustado segredo:

— Dedico-me vagarosa e fervorosamente à composição de uma obra prima, um livro revolucionário que, quando publicado, nos fará, a mim e a todos vocês, memoráveis.

Josefo, ainda moço, não conseguiu dormir naquele 23 de dezembro, imaginando os eventos que, semanalmente e sempre precedidos de belos discursos, movimentariam sua academia.

X

À reunião seguinte – do dia 29 de dezembro, quando tomariam decisões para a realização do primeiro grande evento da academia – afora Josefo, faltaram todos os membros.

Intensamente o moço costurara roupas com nuvens. Intensamente o moço cultivaria o deserto – pomar às avessas.

XI

Foi uma revolta árida. Deveras.

Josefo mudou-se – com dona Marivalda, sua mãe de leite, antiga empregada da família – na madrugada deste mesmo dia vinte e nove de dezembro para outro sítio a vinte quilômetros da cidade; levando todas as chaves que abriam todas as portas da *Academia Valadarense de Letras* – que ninguém mais abriria.

Josefo Camilo escrevia e escrevia diuturnamente, enquanto Marivalda preparava as refeições, sustentava as trivialidades...²

— Josefo tava feliz, sabe? Estranho... mas feliz; e atencioso. Eu gosto daquele tempo no sítio. Eu gostava... o menino não fazia outra coisa senão escrever na papelada lá dele, quietinho... Esquecido, desinteressado de tudo o que o pai tinha deixado como herança, aquela fortuna toda... Tanta terra e ele trancafiado... só aquele quarto... só aquele quarto só... aquela mesa... aquela cadeira... Dava uma aflição! Meu Deus! Chegou um dia ele quis sair. Acordou bem cedo. Tomou banho, fez a barba, engraxou o sapato... tava todo aprumado! Bonito! Rapagão! Que precisava ir até a cidade resolver um negócio... voltava rapidinho. Esse dia preparei uma galinhada gorda, caipira, boa, temperadinha, esperando. Zefo saiu com a pasta de couro dele... do pai dele antes... Cheia

² O que segue é a transcrição do trecho de uma entrevista ocorrida (e jeitosamente gravada no mês das noivas de 1998) entre Marivalda, então centenária, e o autor.



daquela papelada. E foi. Coitado! Só sei que o menino não voltava... devia de ser alguma pândega com rapariga, pensei... depois de tanto tempo sozinho mais eu no sítio... Dormi. Dia seguinte era dezoito de março, de tardezinha... o Zefo tinha morrido. Como me contaram: entrou no casarão... tava levando a mala com o tal livro dele, abriu tudo que era janela e porta, ficou lá o dia inteiro. Lavando a academia, vê só! Vassoura... rodo... pano de chão... Deixando o sol entrar naquilo tudo abandonado. Ninguém explica como. Ninguém sabe por que. Acontece que pegou um fogo desgraçado. Assim por nada. Sozinho. Que começou por baixo, desabou tudo, consumiu... e o menino lá dentro. Coitado!

*

A vida de Josefo Camilo é clássico da história oral da região leste do meu estado de Minas Gerais.

A história de Josefo Camilo era a vida livre de um gesto livre – flexão do poder à literatura, Ulisses desatado – que quase perdia-se.

Precisei não fixá-los, história e gesto.

Há quem diga que toda criação é recriação; há quem diga que toda recriação é criação... pois bem: restamos justificados: eu por isto aqui, Camilo pelo incêndio.

Cada um tem o posfácio que merece.

Artigo recebido em: 30/07/2010

Artigo aprovado em: 23/08/2010

Referência eletrônica: MARINHO, Lucas A. O caso de Josefo Camilo, fundador da Academia Valadarense de Letras. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n.5, pp. 119-124, Out. 2010. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/09CC_N5_LMarinho.pdf>